

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : J B

CLASS. : 351
Didáticos

DATA : 1 6 89

PG. : 8

Livro reconta a história do índio no Brasil

BRASÍLIA — Índios, jesuítas e navegadores portugueses sempre foram personagens de livros didáticos de História do Brasil. A maior parte dessa literatura é, porém, acusada de distorcer o papel do índio nos quase cinco séculos de história do país. Agora, a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), está incluindo nas obras que remete a bibliotecas e escolas de todo o país um livro protagonizado por um índio que entra em uma máquina do tempo e analisa de forma crítica a destruição de seu povo. Com uma tiragem prevista de 10 mil exemplares, o livro *Araué*, de Luis Miguel Martins Garcia, 18 anos, critica duramente a inércia da Fundação Nacional do Índio (Funai) e lamenta que o índio atual esteja "civilizado" demais.

"Os livros didáticos omitem a história do massacre do índio brasileiro", lamenta Luis Miguel, aluno do curso de Engenharia Civil da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e vencedor em 1987 do Prêmio FAE de Pesquisa Estudantil com o trabalho *Saúde: dentro e fora da escola, um direito seu*.

Seu novo livro, prefaciado pelo deputado Plínio de Arruda Sampaio (PT/SP), passa a fazer parte do acervo do Programa Nacional de Salas de Leitura/Bibliotecas Escolares da FAE e terá seus 10 mil exemplares doados a escolas da rede pública de todo o país.

Linguagem — Em 70 páginas, o livro conta em linguagem simples a história do Índio Araué, um habitante das margens do Rio Xingu que se recusava a aprender a história de seus antepassados pelos livros "dos homens brancos". Recheada de metáforas, a obra narra a volta de Araué ao passado através de uma *máquina do tempo*. No contato com seus antepassados, Araué constata que "os índios do século 20 estão destribalizados". Passando por diversos momentos da história do país, da chegada dos portugueses aos dias atuais, Araué presencia o "massacre de milhares de índios".

Parte das críticas do livro dirigem-se à Fundação Nacional do Índio: "Na direção desses órgãos deveriam estar índios e não políticos interessados em fazer sua própria imagem", comenta. "O massacre dos índios continua a todo o vapor", diz. Os elogios de Araué são dirigidos ao indigenista Cândido Mariano da Silva Rondon e a entidades como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), ligado à Igreja Católica, e à União das Nações Indígenas — dirigida pelos índios e não reconhecida pela Funai.

"Senti uma grande passividade do país em relação à questão indígena", explica Luis Miguel, um leitor apaixonado de Manuel Bandeira e Machado de Assis. O livro, que poderá ser lido em bibliotecas e escolas de todo o país, finaliza lembrando que "todos devem embarcar nessa máquina do tempo de vez em quando para descobrir o que aconteceu no passado e prevenir quanto ao futuro, sabendo fazer do presente um instrumento de mudança".